Contos de horror do século XIX

Organização e introdução
Alberto Manguel

Companhia Das Letras

Copyright da organização e da introdução © 2005 by Alberto Manguel

Copyright dos contos: W. W. Jacobs, "The Monkey's Paw": Agradecimentos à Sociedade dos Autores, representantes do espólio literário de W. W. Jacobs; Giovanni Papini, "L'Ultima visita del gentiluomo malato": © Giovanni Papini; Lamed Schapiro, "Weisse chalah": Conto publicado em *O conto idiche*, São Paulo, Perspectiva, 1966 (Coleção Judaica, dirigida por J. Guinsburg); Hugh Walpole, "The *tarn*": © Espólio de Hugh Walpole; H. G. Wells, "The cone": Autorização concedida por A. P. Watt em nome dos representantes legais do espólio literário de H. G. Wells. Fonte: *The Complete Short Stories of H.G. Wells*, org. John Hammond, Trafalgar Square Publishing, 1999.

Todos os esforços foram feitos para contatar os detentores dos direitos autorais dos textos publicados nesta antologia. Nem sempre isso foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.

Capa
Jeff Fisher

Preparação
Ciça Caropreso
Otacílio Nunes

Revisão
Isabel Jorge Cury
Cláudia Cantarin
Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Contos de horror do século XIX / organização de Alberto Manguel.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2005.

Vários autores
Vários tradutores
Bibliografia
ISBN 85-359-0631-2

1. Contos de horror 2. Contos de horror – Século 19 – História e crítica 1. Manguel, Alberto.

05-2353 CDD-808.838738034

Índices para catálogo sistemático:
1. Coletâneas : Contos de horror : Século 19 : Literatura 808.838738034
1. Contos de horror : Século 19 : Coletâneas : Literatura 808.838738034

[2005]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

Índice

Introdução
9 *História do terror — Alberto Manguel*

W. W. JACOBS
13 A mão do macaco
Traduzido por Rubem Fonseca

ALEKSEI KONSTANTINOVITCH TOLSTÓI
25 A família do *vurdalak*: Fragmento inédito das *Memórias de um desconhecido*
Traduzido por Nina Horta

H. G. WELLS
51 O cone
Traduzido por Moacyr Scliar

HENRY ST. CLAIR WHITEHEAD
64 Os lábios
Traduzido por Carlos Knapp

GIOVANNI PAPINI
77 A última visita do Cavalheiro Doente
Traduzido por Renato Xavier

A mão do macaco

"A mão do macaco", do inglês W. W. Jacobs, é o conto mais antologiado da literatura de horror, em todos os tempos. Obteve grande sucesso logo que foi editado, tendo sido teatralizado e adaptado para o cinema inúmeras vezes. Peças e filmes não obtiveram êxito. Mas o conto mantém, até hoje, o mesmo poder de atração alcançado em 1902, ocasião em que foi publicado.

Quando meus filhos eram pequenos, gostavam que eu lhes contasse histórias de terror. Algumas eram inventadas por mim, outras eu havia lido, e entre estas a que eles mais queriam ouvir era "A mão do macaco". Ficavam de olhos arregalados, ouvindo minha interpretação da história, que sempre era contada à noite, num lugar em penumbra — cenário e iluminação escolhidos por eles.

Cada vez que eu narrava, de memória, "A mão do macaco", introduzia uma modificação. O visitante que chegava com a mão do macaco deixava de ser um primeiro-sargento do Exército britânico na Índia para se tornar um peregrino que pedia abrigo na casa da família White devido a um temporal de neve, um velho sinistro, com barbas compridas e olhar esgazeado. E o sr. White, na minha história, queria ficar rico, e não apenas pagar a hipoteca de sua casa, conforme W. W. Jacobs. Ao sr. White não se aplica, como eu dava a entender, a fala de Timóteo, no Novo Testamento, "o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males" — nem merece ele a maldição dos deuses por ter tentado inter-

ferir no destino. E o final da minha versão era ainda mais terrível, pois, enquanto contava a história, eu emitia sons assustadores e andava de um lado para o outro, fazendo gestos e caretas aterradores.

Mas o conto não é meu, melhor passar a palavra ao Jacobs.

Fora da casa era uma noite fria e úmida, mas na pequena sala de visitas da Vila Laburnam as cortinas estavam cerradas e o fogo ardia na lareira. Pai e filho jogavam xadrez. O primeiro possuía idéias sobre o jogo que envolviam jogadas radicais, expondo o rei a perigos desnecessários, o que provocava comentários da velha senhora que calmamente fazia tricô perto do fogo.

"Ouça esse vento", disse o sr. White, que, notando um erro fatal cometido quando já era tarde demais, queria evitar que o filho o percebesse.

"Estou ouvindo", disse o filho, observando atento o tabuleiro, enquanto estendia a mão.

"Xeque."

"Não imaginei que ele viesse esta noite", disse o pai, a mão erguida sobre o tabuleiro.

"Mate", respondeu o filho.

"Não há nada pior do que esta vida, tão afastada de tudo", exclamou o sr. White, com inesperada irritação. "Dentre todos os lugares desagradáveis, lamacentos e fora de mão para se viver, este é o pior. O caminho é um atoleiro e a estrada uma torrente. Não sei o que as pessoas estão pensando. Suponho que, como na estrada somente duas casas estão alugadas, acham que isso não tem importância."

"Não se preocupe, querido", confortou-o a esposa. "Talvez você ganhe a próxima partida."

O sr. White ergueu a vista subitamente, a tempo de interceptar um olhar de entendimento entre mãe e filho. As palavras morreram em seus lábios e ele escondeu na rala barba grisalha um sorriso constrangido.

"Lá vem ele", disse Herbert White, quando o portão bateu com estrondo e passos pesados se dirigiram para a porta.

O velho se levantou com presteza hospitaleira e, ao abrir a porta, foi possível ouvir como ele se lamentava com o visitante. Este também se queixou do tempo, o que levou a sra. White a lançar, em voz baixa, uma interjeição de desdém. Depois tossiu levemente assim que o marido entrou na sala, seguido por um homem alto e robusto, com olhos grandes e rosto corado.

"Primeiro-sargento Morris", disse, apresentando-se.

O sargento trocou apertos de mão e, aceitando a cadeira que lhe foi oferecida junto ao fogo, observou, satisfeito, o anfitrião trazer uísque e copos e colocar uma pequena chaleira de cobre no fogo.

Ao terceiro copo seus olhos se tornaram mais brilhantes e ele começou a falar, enquanto o pequeno grupo familiar olhava com grande interesse aquele visitante de terras distantes, que, sentado com os largos ombros numa postura ereta, discorria sobre acontecimentos estranhos e feitos valorosos, sobre guerras e pestes e povos exóticos.

"Vinte e um anos disso", disse o sr. White, fazendo um gesto com a cabeça para a esposa e o filho. "Quando ele partiu era um garoto magro de uma loja de varejo. Agora, olhem só para ele."

"Não parece ter sofrido muito", disse a sra. White delicadamente.

"Eu gostaria de ir à Índia", disse o marido, "apenas para dar uma olhada, entendem?"

"Melhor onde você está", disse o sargento, abanando a cabeça. Pousou o copo vazio e, suspirando, meneou a cabeça outra vez.

"Gostaria de ver aqueles velhos templos e faquires e malabaristas", disse o velho. "O que foi que você começou a me contar outro dia, sobre uma mão de macaco ou coisa parecida, Morris?"

"Nada", respondeu o soldado depressa. "Pelo menos nada que valha a pena ouvir."

"Mão de macaco?", perguntou a sra. White, curiosa.

"Bem, apenas o que se poderia chamar de magia, talvez", respondeu o sargento de maneira vaga.

Seus três ouvintes curvaram-se para a frente, ansiosos. O visitante levou aos lábios o copo vazio, distraído, e depois tornou a baixá-lo. O anfitrião encheu-o novamente.

"Olhando para ela, não passa de uma mão comum, seca e mumificada", disse o sargento, mexendo no bolso. Tirou algo e mostrou. A sra. White recuou com uma careta, mas o filho pegou aquilo e examinou com curiosidade.

"E o que há de especial nela?", perguntou o sr. White, tomando o objeto das mãos do filho e colocando-o sobre a mesa, após examiná-lo.

"Possui um encantamento que lhe foi conferido por um velho faquir", disse o sargento, "um homem muito santo. Ele queria mostrar que o destino rege a vida das pessoas e que aqueles que interferem nele correm o risco de se arrepender amargamente. De acordo com o encantamento, três pessoas diferentes podem ter, cada uma, três desejos atendidos."

Seu modo de falar era tão impressionante que os ouvintes tiveram consciência de que seus risinhos divertidos haviam sido, de alguma forma, inoportunos.

"Bem, por que não faz os seus três pedidos?", perguntou Herbert White, espertamente.

O soldado olhou-o da maneira que uma pessoa de meia-idade olha para uma criança presunçosa.

"Já fiz", disse em voz baixa, e seu rosto corado empalideceu.

"E conseguiu que os três desejos fossem concedidos?"

"Consegui", disse o soldado, e ouviu-se o barulho de seu copo indo de encontro a seus dentes fortes.

"E alguém mais já teve seus três desejos atendidos?", perguntou a velha senhora.

"A primeira pessoa teve os três desejos atendidos, sim. Não sei quais eram os dois primeiros, mas o terceiro era a morte. Foi desse modo que consegui a mão do macaco."

Sua voz era tão grave que um silêncio caiu sobre o grupo.

"Se já obteve seus três desejos, Morris, de que ela lhe serve agora?", perguntou o velho. "Por que ainda está com ela?"

O soldado balançou a cabeça:

"Um capricho, suponho", disse lentamente.

"Se pudesse obter três pedidos mais", perguntou o velho, olhando-o de maneira sagaz, "você os faria?"

"Não sei, não sei." O sargento pegou a mão do macaco e balançou-a entre o dedo indicador e o polegar. Subitamente, jogou-a às chamas que crepitavam na lareira.

White, com um leve grito, curvou-se e arrancou-a do fogo.

"Melhor deixá-la queimar", disse o soldado em tom solene.

"Se não a quer, Morris, dê para mim", disse o velho.

"Não", respondeu o amigo com firmeza. "Eu a atirei no fogo. Se ficar com ela, não me culpe pelo que acontecer. Jogue-a novamente no fogo, como um homem sensato."

O outro sacudiu a cabeça e examinou detidamente a nova aquisição.

"Como se faz isso?"

"Segure-a levantada com a mão direita e faça o pedido em voz alta", disse o soldado. "Mas saiba que haverá conseqüências."

"Parece as *Mil e uma noites*", disse a sra. White, levantando-se e começando a preparar a ceia. "Você não poderia desejar quatro pares de mãos para mim?"

O marido tirou o talismã do bolso, e os três estavam rindo quando o sargento, com uma expressão de advertência no rosto, agarrou-o pelo braço.

"Se quer formular um pedido", disse asperamente, "peça algo que faça sentido."

O sr. White recolocou o talismã no bolso e, dispondo as cadeiras em volta da mesa, convidou todos a sentar-se. Durante a ceia, a mão do macaco foi parcialmente esquecida. Depois, os três ficaram ouvindo, enlevados, uma segunda parte das aventuras do soldado na Índia.

"Se a história da mão do macaco for tão verdadeira quanto aquelas que ele nos contou", disse Herbert, assim que o soldado se retirou, em cima da hora para pegar o trem, "não conseguiremos grande coisa com ela."

"Você deu a ele algo em troca?", perguntou a sra. White, olhando firme para o marido.

"Uma ninharia", ele disse, ruborizando um pouco. "Não queria aceitar, mas eu o obriguei. E mais uma vez insistiu para que eu a jogasse fora."

"Como se isso fosse possível", disse Herbert, com fingida indignação. "Ora essa, vamos ser ricos, famosos, felizes. Deseje ser um imperador, papai, só para começar. Então não será mais dominado por nenhuma esposa."

Herbert correu em volta da mesa, perseguido pela injuriada sra. White, armada de uma vassoura.

O sr. White retirou a mão de macaco do bolso e olhou-a, indeciso. "Não sei o que desejar, isso é um fato", disse devagar. "Creio que tenho tudo o que quero."

"Se você apenas liquidasse a hipoteca da casa, já seria muito feliz, não se-

ria?", disse Herbert, pousando a mão no ombro do pai. "Deseje duzentas libras, então. É só o que falta."

O pai, sorrindo, envergonhado da própria credulidade, ergueu o talismã enquanto o filho, com um olhar solene de certa forma adulterado por um piscar de olhos para a mãe, sentou-se ao piano e tocou alguns acordes solenes.

"Eu desejo duzentas libras", disse o velho em voz alta e clara.

Um agradável acorde de piano saudou as palavras, interrompido por um grito assustador do velho. A esposa e o filho correram para junto dele.

"Ela se moveu", exclamou, olhando com asco para o objeto que deixara cair no chão. "Quando fiz o pedido, ela se contorceu na minha mão como uma cobra."

"Bem, não estou vendo dinheiro nenhum e creio que nunca vou ver", disse o filho, enquanto pegava a mão de macaco e a colocava em cima da mesa.

"Deve ter sido imaginação sua", disse a mãe, olhando ansiosa para o velho.

"Não importa", disse ele sacudindo a cabeça. "Nada de grave aconteceu, mas mesmo assim levei um susto."

Sentaram-se novamente junto ao fogo enquanto os dois homens terminavam de fumar seus cachimbos. Lá fora, o vento estava mais forte do que nunca, e o velho sobressaltou-se ao ouvir uma porta bater no andar de cima. Um silêncio incomum e opressivo envolveu os três, e durou até que o velho casal se retirou para dormir.

"Espero que encontre o dinheiro em um pacote bem no meio da cama", disse Herbert, ao desejar boa-noite aos dois, "e que alguma coisa horrível agachada em cima do guarda-roupa observe você embolsar os ganhos obtidos dessa maneira maligna."

Herbert permaneceu sentado no escuro, contemplando o fogo se extinguir, vendo rostos nas chamas. A última face era tão horrenda e simiesca que ele a contemplou assombrado. Surgiu tão expressiva que, com um riso nervoso, procurou na mesa um copo com água para jogar sobre ela. Agarrou a mão do macaco e, com um leve calafrio, limpou a mão no casaco e foi para a cama.

II.

Na manhã seguinte, enquanto a claridade do sol de inverno iluminava a mesa do café, Herbert riu dos próprios receios. Havia na sala um ar sadio de normalidade, ausente na noite anterior; a pequena, suja e enrugada mão do macaco estava jogada no aparador de maneira descuidada, indicando falta de crença em suas virtudes.

"Suponho que todos os soldados sejam iguais", disse a sra. White. "Que idéia a nossa, dar ouvidos a essa bobagem! Como seria possível, nos dias de hoje, que tais desejos fossem concedidos? E, se fosse possível, como duzentas libras poderiam trazer algum mal?"

"Podem cair do céu sobre a cabeça dele", gracejou Herbert.

"Morris disse que as coisas acontecem tão naturalmente", disse o pai, "que, se quisermos, podemos atribuí-las à coincidência."

"Não vá gastar todo o dinheiro antes de eu voltar", disse Herbert, levantando-se da mesa. "Fico com medo que se transforme em um avarento mesquinho e tenhamos que repudiá-lo."

A mãe riu e acompanhou o filho até a porta. Olhou-o afastar-se pela estrada e voltou para a mesa do café, feliz às custas da credulidade do marido. Tudo isso não a impediu de correr para a porta ao ouvir o carteiro chegar nem de se referir, rapidamente, aos sargentos de hábitos etílicos quando notou que o carteiro trouxera uma conta do alfaiate.

"Herbert vai fazer mais um dos seus comentários jocosos, creio, ao chegar em casa", ela disse, quando sentaram para o jantar.

"Certamente", concordou o sr. White. "Seja como for, a coisa se mexeu na minha mão, posso jurar."

"Você pensou que se mexeu", disse a velha senhora, suavemente.

"Ela se mexeu", replicou o outro. "Não foi imaginação, eu... O que foi?"

A esposa não respondeu. Ela observava a misteriosa movimentação de um homem que espreitava a casa, parecendo indeciso se devia ou não entrar. Pensou nas duzentas libras, e notou que o estranho estava bem vestido e usava uma cartola de seda nova e brilhante. Por três vezes ele parou diante do portão e se afastou. Na quarta vez, depois de uma pausa, abriu resolutamente o portão e caminhou em direção à casa. A sra. White, no mesmo instante, desamarrou depressa os cordões do avental que usava, escondendo-o sob a almofada da cadeira.

Ela conduziu o estranho até a sala. Ele parecia pouco à vontade, olhando-a furtivamente e ouvindo, apreensivo, a velha senhora se desculpar pela aparência da sala e pelo casaco do marido largado ali, o qual costumava usar quando cuidava do jardim. Então, com a paciência que seu sexo permitia, aguardou que

o homem explicasse o motivo da visita. Mas, durante algum tempo, ele permaneceu em silêncio.

"Pediram-me... que eu viesse aqui", ele disse, afinal. E parou para tirar um fiapo de linha da calça. "Venho da parte da Maw and Meggins."

A velha senhora assustou-se.

"Qual é o assunto?", perguntou, aflita. "Aconteceu alguma coisa com o Herbert?"

O marido interveio.

"Calma, calma", disse. "Sente-se e não tire conclusões apressadas. O senhor não trouxe más notícias, tenho certeza", disse, olhando ansioso para o outro.

"Sinto muito...", disse o visitante.

"Ele está ferido?", perguntou a mãe.

O visitante assentiu com um movimento de cabeça.

"Muito ferido", disse delicadamente, "mas já não sofre mais."

"Ah, graças a Deus", exclamou a velha senhora, apertando as mãos. "Graças a Deus. Obrigada..."

Calou-se de súbito, ao perceber o significado funesto do que ouvira e ver seus receios confirmados no rosto do visitante. Ofegante, voltou-se para o marido, que nada entendera ainda, e colocou as mãos trêmulas sobre a dele. Houve um longo silêncio.

"Ele ficou preso na maquinaria", disse o visitante, em voz baixa.

"Preso em uma máquina", repetiu o sr. White, aturdido.

Sentou-se, olhando absorto pela janela e apertando a mão da esposa entre as suas, como costumava fazer no tempo em que a cortejava, quase quarenta anos antes.

"Era o único que nos restava", disse ele, voltando-se gentilmente para o visitante. "É difícil."

O outro tossiu, levantou-se e caminhou devagar até a janela. "A empresa encarregou-me de transmitir nossas condolências pela grande perda que sofreram", disse, sem olhar à sua volta. "Espero que entendam que sou apenas um empregado cumprindo ordens."

Não houve resposta. A face da velha senhora estava lívida, o olhar atônito, a respiração quase inaudível. No rosto do marido, uma expressão decerto parecida com a de seu amigo sargento ao entrar em ação pela primeira vez.

"Devo dizer que a Maw and Meggins se exime de qualquer responsabilidade", continuou o outro. "Não admite nenhuma obrigação pecuniária, mas, em agradecimento aos serviços prestados por seu filho, deseja oferecer-lhes uma certa soma em dinheiro como compensação."

O sr. White soltou as mãos da mulher e, levantando-se, olhou com horror para o visitante. Seus lábios secos conseguiram articular a palavra: "Quanto?".

"Duzentas libras", foi a resposta.

Sem notar o grito de sua mulher, o velho sorriu de leve, estendeu as mãos como um cego e abruptamente caiu ao chão, desfalecido.

III.

No vasto cemitério novo, distante cerca de três quilômetros, os velhos enterraram seu morto e voltaram para casa, mergulhada em sombras e silêncio. Tudo acontecera tão depressa que, a princípio, mal podiam entender o que se passara, e permaneceram em estado de expectativa, como se algo mais fosse acontecer — algo que aliviasse o sofrimento que seus velhos corações já não podiam suportar.

Mas os dias passaram e a expectativa deu lugar à resignação — a resignação sem esperança dos velhos, algumas vezes chamada erroneamente de apatia. Às vezes eles mal trocavam palavras, porque agora nada tinham para conversar, e seus dias eram longos e entediantes.

Cerca de uma semana depois, o velho acordou no meio da noite, estendeu a mão e notou que estava sozinho. O quarto estava escuro e da janela vinha o som de soluços abafados. Sentou-se na cama e ficou ouvindo.

"Volte para a cama", disse carinhosamente. "Você vai ficar com frio."

"Mais frio está sentindo o meu filho", disse a velha, soluçando.

O som dos soluços foi morrendo aos poucos nos ouvidos dele. A cama estava quente e seus olhos pesados de sono. Ele cochilou e logo dormiu, até que um grito exaltado da mulher o fez acordar-se sobressaltado.

"A mão do macaco!", ela gritou freneticamente. "A mão do macaco!"

"Onde? Onde? O que está acontecendo?", perguntou ele, alarmado.

Ela veio cambaleando pelo quarto, na direção dele. "Eu quero a *mão*", ela disse em voz baixa. "Você não a destruiu, não é?"

"Está na sala, na prateleira", ele respondeu, admirado. "Por quê?"

Ela chorava e ria ao mesmo tempo e, curvando-se, beijou o rosto dele.

"Só pensei nisso agora", ela disse histericamente. "Por que *você* não se lembrou?"

"Lembrar do quê?", ele perguntou.

"Dos outros dois desejos", ela respondeu. "Só fizemos um pedido."

"E não foi o bastante?", ele respondeu, com veemência.

"Não", ela gritou, exultante. "Nós faremos mais um. Vá lá embaixo, pegue a mão do macaco e manifeste o desejo de que nosso filho esteja vivo de novo."

O homem sentou-se na cama, afastando bruscamente os lençóis de cima das pernas trêmulas.

"Meu Deus, você está louca", exclamou, horrorizado.

"Vá buscá-la, rápido", ela disse, ofegante, "e faça o pedido. Ah, meu filho, meu filho."

O marido riscou um fósforo e acendeu a vela.

"Volte para a cama", falou, vacilante. "Você não sabe o que está dizendo."

"Nosso primeiro desejo foi satisfeito. Por que não fazer o segundo?", disse, a mulher, exaltada.

"Uma coincidência", gaguejou o velho.

"Vá buscá-la e peça", gritou a velha, tremendo de excitação.

O velho olho para ela.

"Ele está morto há dez dias", falou, hesitante. "Além disso... não sei como dizer... mas eu só conseguiria reconhecê-lo pelas roupas. Se antes ele já estava horrível de se ver, imagine agora."

"Traga-o de volta", gritou a velha, empurrando o marido na direção da porta. "Acha que posso temer o filho que criei?"

Ele desceu, tateando na escuridão, procurando o caminho para a sala e, em seguida, foi até o aparador. O talismã estava no mesmo lugar e o velho foi dominado por um medo horrível de que o pedido talvez trouxesse o filho mutilado de volta antes que pudesse fugir do aposento. Prendeu a respiração, quando viu que havia perdido a direção da porta. Com a fronte coberta por um suor frio, achou o caminho e, tateando pela parede, alcançou o estreito corredor com a mórbida coisa na mão.

O rosto de sua mulher lhe pareceu mudado quando entrou no quarto. Estava pálida e sôfrega, e, para aumentar sua inquietação, tinha um aspecto sobrenatural. Sentiu medo dela.

"Ande, faça o pedido", ela ordenou, com voz forte.

Ele hesitou.

"É loucura, uma crueldade."

"Peça", a mulher repetiu.

Ele ergueu a mão do macaco.

"Eu peço que o meu filho viva novamente."

O talismã caiu ao chão e o velho olhou para ele assustado. Em seguida, sentou-se trêmulo em uma cadeira enquanto a esposa, os olhos como brasas, ia até a janela e abria as cortinas.

Ficou sentado até sentir muito frio, espiando, de vez em quando, a figura da velha mulher olhando atenta pela janela. A vela, que ardera até embaixo da borda do castiçal de porcelana, lançava sombras bruxuleantes no teto e nas paredes; depois, com uma cintilação mais forte, se apagou. O velho, com uma inexprimível sensação de alívio pelo insucesso do talismã, voltou para a cama. Um minuto ou dois mais tarde, a mulher foi para perto dele, silenciosa e apática.

Nenhum dos dois falou; ficaram ambos deitados em silêncio, ouvindo a batida cadenciada do relógio. Um degrau da escada rangeu e um rato correu ao longo da parede, emitindo um guincho agudo. A escuridão era opressiva e, depois de permanecer algum tempo deitado, o marido, enchendo-se de coragem, pegou a caixa de fósforos, riscou um e desceu a escada em busca de outra vela.

No fim da escada o fósforo apagou. Ele parou para riscar outro e, nesse momento, uma batida, tão leve e furtiva que mal se ouvia, soou na porta da rua.

Os fósforos caíram de suas mãos. Ele permaneceu imóvel, a respiração presa, até que a batida se repetiu. Então correu de volta para o quarto, fechando a porta atrás de si. Uma terceira batida ressoou pela casa.

"O que foi isso?", exclamou a velha senhora, sobressaltada.

"Um rato", disse o velho com voz trêmula. "Um rato. Ele passou por mim na escada."

Sua esposa sentou-se na cama, escutando. Uma batida mais forte tornou a ressoar pela casa.

"É o Herbert!", ela gritou. "É o Herbert!"

Correu para a porta, mas o marido agarrou-a pelo braço e a segurou com força.

"O que você vai fazer?", sussurrou em tom rouco.

"É o meu menino, é o Herbert!", ela gritou, lutando para se livrar. "Esque-

ci que eram três quilômetros de distância. Por que está me agarrando? Me largue, tenho que abrir a porta."

"Pelo amor de Deus, não o deixe entrar", disse o velho, atemorizado.

"Você está com medo do seu próprio filho", ela gritou, debatendo-se. "Me largue. Já vou, Herbert, já estou indo."

Ouviu-se outra batida, e mais outra. A velha, num arranco súbito, soltou-se e saiu do quarto. O marido seguiu-a até o patamar da escada, chamando-a, suplicante, enquanto ela descia correndo. Ele ouviu a corrente da porta ser retirada e a chave girando com dificuldade na fechadura. Depois a voz da velha, tensa e arquejante.

"O ferrolho", ela gritou. "Desça, não consigo alcançá-lo."

Mas o marido estava de joelhos, as mãos apoiadas no chão, procurando, desesperado, a mão do macaco. Se ao menos pudesse achá-la antes de aquela coisa lá fora entrar. Uma saraivada de batidas ecoou pela casa e ele ouviu a cadeira ser arrastada; era a mulher aproximando-a da porta. Ouviu o ferrolho correndo devagar, e nesse instante achou a mão do macaco. Freneticamente expressou seu terceiro e último desejo.

As batidas cessaram de súbito, embora o eco ainda ressoasse pela casa. Ouviu a cadeira ser afastada e a porta abrir-se. Um vento frio subiu pela escada, e o longo e alto gemido de desapontamento e angústia da mulher deu-lhe coragem para descer correndo até a porta. Depois, foi até o portão e olhou. A luz do lampião em frente brilhava numa estrada calma e deserta.

Apresentação e tradução de Rubem Fonseca

A família do *vurdalak*

Fragmento inédito das *Memórias de um desconhecido*

Prefiro os contos de horror modernos, como os do Cortázar. Como aquele do homem que sentiu uma dor no pulso esquerdo. Tirou o relógio e viu uma ferida redonda, marcada por cinco dentes afiadinhos. Seria o tempo vampirando sua vida? Sei lá. Tan, tan, tan, tan....

Mas o nosso Aleksei Konstantinovitch Tolstói foi o mais comportado e clássico dos chupa-cabras. Não é quem vocês estão pensando. Este Tolstói não é o da Ana Karenina, é o primo. E que sina ser escritor, primo do outro! Sem chance. Poucos o conhecem, apesar de seus romances históricos.

Nasceu em São Petersburgo em 1847 e morreu em 1875. Infância feliz na Pequena Rússia de natureza generosa e farta, rico, mimado, correndo pelos campos, ouvindo os lobos à noite junto à lareira quente, com o chá de ervas e o leite gordo. E a ama a lhe contar as histórias de seu povo, as cabecinhas dos vampiros apontando entre cada colherada de mingau. Não deu outra. Um dia lembrou-se de tudo isso (cova, luar, crucifixo, sangue) e escreveu "A família do vurdalak".

Delicado, fino, romântico, o primo de Tolstói nos dá esses vampiros em família, com seu momento de suspense, e trazendo uma heroína feminina, isso sim, provavelmente raro, nas vampiragens daquele tempo.

E vamos ao Tolstói que não é ele, é o outro.